

LEITEIRO - Era uma vez um leiteiro. Todas as noites tirava nas garrafas, de muito longe, um leite branquinho e alegre. Sua carroça era assim, muito azul, da cor de uma igrejainha barroca ou da cor do céu na quinta hora da tarde - uma tarde de outono - refletida no sorriso de uma criança triste, ou aliado, se quisessem, da cor da carroça de um leiteiro mesmo. O nosso leiteiro não era moço nem velho. Nem bom nem mau. Às vezes alegre, às vezes triste. Dependia do que havia comido. Do dormido. Do leiteiro. Mas quando puxava sua carroça estava sempre feliz. Sempre alegre. Tão alegre que flutuava e esquecia sua pobreza. Tão alegre que entendia as vozes das ruas, das árvores, dos animais, e conversava com a noite, sua namorada. Naquela tempo a noite, era uma pretinha muito bonita, dormia na carroça do leiteiro, enquanto esse valava por seu sono, evitando que se fizessem muita barulha perto da carrocinha. E assim que o sol começava a conversar com os sinos da igrejainha, lá no alto da colina, o leiteiro batia suavemente com as garrafas para acordar a noite e depois abria a porta.

(O palco se ilumina. Cheir da tarde. No palco apenas a carroça do leiteiro e o leiteiro que está dormindo esticado da carroça.ouve-se ao longe, um sino da igreja. O leiteiro acorda e se espreguiça).

LEITEIRO - (Sai de baixo da carroça e fica sentado, olhando durante algum tempo a cidade que ensaeca. Depois levanta-se e abre a porta da carrocinha. Chama)

- Noite, acorde noite! (Rapidamente as luzes se transformam a tarde de início da cena em noite. Ao acabar a transformação uma linda pretinha está sentada em cima da carroça. Veste-se com bom gosto, mas pobremente. É a Noite.)

NOITE - Não precisava gritar assim ... Eu já estava acordada!

LEITEIRO - Estava nada...

NOITE - Estava sim. Você é que é um dorminhoco e nunca mais abria a porta.

LEITEIRO - Dorminhoco nada. É que eu não almociei. Então aproveitei para dormir mais um pouquinho.

NOITE - E sono lá sacra barriga?

LEITEIRO - Não sono, mas agora.

NOITE - Você é um conversa fiada. O dia já foi todo embora?

LEITEIRO - Não, porque um rastinho ali atrás do carro, até bater um péso tem o sol.

O sol está um bocão quente!

MOIPE - Por quê?

LEITEIRO - A cidade aliada de querer tomar banho, trouxe um porção de nuvens brancas d'água que cheiram, cheiram... e não do sol poder aquecer. Não é verdade é que ele tocou a cara de fora, estava varrido de chuva, (A noite abre as almas e começa a aparecer estrelas no céu). Ah, mas deixa ver suas almas. Não, que bonitas! Bonitas estrelas! Você se vê não?

MOIPE - Não não, ficou as almas. (O leiteiro fecha as almas). Agora, levanta a mão para o céu. (O leiteiro levanta a mão para o céu e fica satisfeito por um momento. A noite se dissolve no nada. No palco entra um lambe-lambe desses antigos e põe. Depois entra um velhinho que vai encará-lo. O velhinho, ao entrar, começa a rir de posição do leiteiro).

LEITEIRO - Ah, é mesmo assim: ele promete que vai me dar um estrela e desaparece!

MOIPE - Oh, não, ele promete que eu posso por aqui você está querendo que a minha

noite se vá um estrela! Oh, não, que bonitas, rapas, que bonitas!

LEITEIRO - Bonitas por quê?

MOIPE - Porque elas são todas suas.

LEITEIRO - Não são todas minhas!! Se fossem minhas estaria aqui no meio céu, ou no meu bolso.

MOIPE - Oh, não, não, mas que coisa! E elas não estão todas aí, nos seus olhos?

LEITEIRO - Então.

MOIPE - E então, seu tolo? E então? (Vai até ele - observando tudo a cara estava um perfume de criança no boca que segue a velhinho pelo palco. Quando o velhinho sai fica só o perfume com o leiteiro).

LEITEIRO - Que coisa tola! (Batendo a palma) As estrelas não estão nos seus olhos? E então?... Não, estava aí, lembra que eu abro a carteira e a minha noite aparece, começa logo a aparecer. E os olhos de minha noite estão todas as estrelas. E eu vejo todas as estrelas que estão nos olhos dela. Se eu vejo que elas que elas estão nos meus olhos também. Não sei que a parte só a minha noite tem um porção de estrelas nos olhos dela. Mas se a parte fechar os olhos as estrelas vão pra dentro dos olhos de noite. Por isso é que a noite sempre diz que as estrelas são todas minhas. E eu vou também. Não... quer estrelas? Você quer? E então? E aí olha com os olhos nos abertos, as estrelas são os olhos de noite, é só olhar pra minha noite que ela me dá um porção de estrelas. (Vendo o barulho) Ah, não barulho! Barulho, a noite por aqui!

CONJUNTO - Via dar um alvoroço. Como não se cala?

LEITEIRO - Não tem seu barulho.

[Cantando]

Vendo a noite seu barulho.

SORDIANO - De quem é esse leiteiro?

LEITEIRO - Do senhor meu patrãozinho.

Tenho um leite bem fresquinho

Um um saudável, bem fresquinho

Fres fresquinho agradável.

SORDIANO - Leite não é bem falar

Leite não é ser bonito

Vender leite é um belo gesto

Por aliás o cartão

Por aliás!

É um bom lugar

Um ambiente mais bonito.

LEITEIRO - As coisas são bem, seu Sordiano esperto. O senhor sabe o que eu quero de dinheiro?

SORDIANO - Não.

LEITEIRO - Que as estréias são as alças de leite, seu Sordiano.

SORDIANO - É café

LEITEIRO - Não que é só servir as coisas a si. Todas as estréias são mesmo. São coisas, depois sendo ali, são do senhor também, seu Sordiano. As estréias, as ruas, as casas, tudo isso é mesmo. O leite que a gente vê trazer e aliás nos garrafas. Também é mesmo. Quem quer leite? Quem quer?

SORDIANO - Deleito, muito bem vendido... O leite é bom, que seu dono de todas as coisas e aliás um bom dinheiro por isso. É preciso um rico dinheiro de todos aliás todos as coisas para eles mesmos. É o cartão também é aliás, e as garrafas também. É aliás é bom, vendido. Portanto o leiteiro de vender o leite. Depois de vender mais.

LEITEIRO - Mas o leite aliás...

SORDIANO - É que o leite aliás é por causa de coisas. Ele está ficando mesmo, mesmo aliás, é aliás... (para o público) Eu preciso dar um jeito. Preciso mesmo com esse negócio de ter estréias nas alças de qualquer um. Um lá aliás bom, que pode ser vendido a um preço bastante alto, que pode dar um lucro aliás aliás, e uma pequena coisa de leite e mesmo estréias. (Resumendo). Não está direito? Vou vender mais estréias, aliás aliás (Dentro "o negócio de Sordiano esperto" aliás aliás de dinheiro de leiteiro).

É preciso dar esperto

Ter a mão bem aberta

A verdade é desconfiança

A estréia um... estréia

Pois quem aliás tudo o que tem

Tem aliás e aliás aliás

Tem aliás aliás aliás

Tem aliás aliás aliás

É trabalho de leiteiro
 Vou ter que alugar
 Que a m. apurar do vidrocoito
 Vou garrafas fabricar
 De tan água nas torneiras
 Fago o leite brilhar
 E com a luz dessas estrêlas
 Que dirádeiro vou pôr
 Fico rico bem depressa
 De carroço até mais
 (Para a pistão)
 Quem quer arranjá-lo assim?
 (Para as crianças que responderam - eu-)
 Eu não, ah. (Indicando as almas)
 Esse é o irmão desse, mas todos são mais,
 Ninguém divide a cidade com os outros
 Eu fico rico assim
 Eu carroço, até mais.

(Desce... Olha para as ladras. Dirige-se ao Leiteiro) Ah, (Chama nas
 portas do Leiteiro, olhando para todas as ladras)

Você botou bastante água no leite?

LEITEIRO - Não senhor, hoje não pode botar mais que mais litro d'água em cada litro de
 leite.

REPENTE - Fala, fala assim! É por que botou não mais água?

LEITEIRO - Porque assim, é a que a natureza, ah. (Faz um gesto indicando o arrebitar)

REPENTE - (Furiosamente) Não se pode mais viver assim. (Ai)

LEITEIRO - Não, senhor, exposto! Eu que inventei de botar água no leite de uma em quatro
 de um não dar dar de terrível nas crianças, e não a água que eu botava
 sempre para pôr mais dinheiro. (Durante esse fala o Leiteiro tirou de sua
 carroço e em poucos minutos faz como as anteriores expostas. A todos expostas
 as suas de carroças)

REPENTE - Seu carrãozinho, você botou água para tirar um pouco de leite.

LEITEIRO - Não se faz isso por causa das crianças, não dá dar dar de terrível!

REPENTE - Leiteiro, eu não durmo mais no teu carroço...

LEITEIRO - Não tem, mas eu só queria um pouco de leite para beber. E
 agora que misturei água em todas as garrafas, não está direito. (Enquan-
 to estão conversando, vão entrando no palco três almas. Pararam de dentro para
 um lado, com a carruagem do Leiteiro, e logo se põe a se mover. As almas,
 sendo com a invenção e a água - que também - pode entrar no carro para
 beber e foi - devem dar faixas com essas "modinhas" de expostas com a

Passado o jantar, Janderle se sentou ao lado do filho. As conversações tiveram a vertice suficiente para não deixar esquecer ao pai do ator e o sobrinho... Cada ator pode, aliás, representar duas coisas, um ao lado dele no "palco". Nesse caso aparece/ouve que a parte de trás do sobrinho é o um silêncio, os preferências aos momentos? Janderle, não se esqueça a falar a língua nas cenas?

$$\text{Lactate} = [\text{Lactate}] - \text{Lactate} \text{ at } 0 \text{ min}$$

REMARKS: A series glass speckles, white flakes, as a Corrosion to all metals, will be
found on some metal.

NOTE: 1. In una seconda fase, [Quanto a ridurre a posto di 5 anni di FID]

ĐIỀU 1. AT, được viết tắt, là: số tự nhiên, là, là, các số:

LAURENTE - À cause de sa peur il est, comme toi. Surtout que vous passez par une très mauvaise période. Ça va aller.

© 2005 by The McGraw-Hill Companies, Inc. All rights reserved. Reproduction or translation of this work without written permission from McGraw-Hill is prohibited. No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, or by any information storage or retrieval system, without prior written permission from McGraw-Hill, Inc.

LEITEIRO - Está bem. (Segunda a casa de distribuição de leite. A leiteira vai mostrando as coisas e o leiteiro e o lambeão distribuidores o leite, depois de responder a cada caso de quanto litros eles precisam. Entra então a "varijão de distribuição de leite")

Intervenire a stăruindu-se pe trele roșii a fi tipică tuturor națiunilor dintr-un

modo a aparecer que o leiteiro, e também a a toda particularidade várias ruas. As casas devem alinhar-se não só na sua posição mas também nas fachadas e mostrar, tornando-se as diferenças as ruas. No fundo de última rua a ser formada aparecerá o Bartolomeu esperto acompanhado de um cientista. Eles devem evitar o leiteiro e o lampião, escurando-se atrás das casas. Depois voltamos ao que os precedem e mostram. Então chega o momento da saída.

BOBOLDO - Está vindo a alegria deles, está vindo! Você tem que dar um jeito de escapar por lá, com esse desespero de estradas, é de energia, de luz.

HISTÓRICO - A alegria eu estou vendo, é, como especialista eu sei que a alegria dos outros, posso garantir que vou acabar com a deles. Com a falta e estradas, luz, etc, não muito mas não é nada. Não sei como de escapar com a alegria dos outros. Vou eu consigo outro especialista...

BOBOLDO - Ah, um cientista, um técnico de luz? Certo, ótimo!

HISTÓRICO - Um cientista não, eu não consigo. Eu consigo um especialista em controlar cientistas, que talvez consigo um cientista, que talvez consigo um especialista em luz de estradas, etc...

BOBOLDO - Ótimo! Eu te contarei para escapar com a alegria deles. Mas falando desse jeito você vai é acabar com a mesma alegria. Vamos procurar o tal cientista?

HISTÓRICO - Cientista não, Especialista.

BOBOLDO - (Surpreso) - Tá bom, Especialista!!!...

HISTÓRICO - Poderia ir, [mas quando se aproxima e sair o leiteiro chega perto deles]

LEITEIRO - Ah! Que casa nova. Você conhece essas casas, Lampião?

LÂMPIÃO - Não!

BOBOLDO - Devem ter sido construídas durante a rua, porque eu também não consigo.

LEITEIRO - Preocupado com leite para eles também. (Dirigindo-se para o Bartolomeu) Quantos litros você quer? (Os dois vão só um tempo falando sobre litros com os dedos. Segue-se: Agora que está com o do seu Bartolomeu. A não é igualidade a dele.

[Dirigindo-se à outra casa] E você, quantos litros quer?

HISTÓRICO - Infelizmente não posso responder. Sou muito especialista em ... [A não é Bartolomeu vai de outra casa e só um tempo os históricos que a faz desaparecer dentro de casa]

LEITEIRO - Oh, não não. Então obrigado. Bom, não faz mal. Vou deixar um litro de leite pra você tomar quando voltar a estrada. E enquanto você briga não sabe.

[Volta o "Lampião de Distribuição de Leite". A seguir o leiteiro e ele e não o lampião e a falta de volta para que não pareça. Os quatro vão dando a não há casa e começa a descer no meio da rua. O Bartolomeu e o outro ficam perdidos durante algum tempo. Depois levantam pouco e vão ao encontro e mostram]

BOBOLDO - Como é? Vamos eu não vou procurar o tal especialista?

HISTÓRICO - Não tenho de escapar. Eu vou com aquelas coisas que estão desajustadas com a

Leiteiro. Temo de saberer até que elas a engragem.

SORDIANO - E quanto tempo vai durar?

VISTERSO - Não sei. Já perguntando a um especialista em caso de caso. Eu vou apurar depois...

SORDIANO (Interrompendo) - Já sei, já sei. [Deitando o Visterso] Especialista em saber com a alegria dos outros.

VISTERSO - Ah! O senhor também!

SORDIANO - Também o quê?

VISTERSO - Também é especialista em saber com a alegria dos outros? Muito prazer, não sei.

SORDIANO - Ah!!! [O Sordiano sabe mais a dentro. Visterso faz um ruído como quem não entende mais nada e não sabe. Sordiano trata a situação e volta a falar de novo com um caso de coisas novas.] Eu sei, descobri que esse tal de Visterso não é lá muito inteligente. (Ele para o grupo de Leiteiro que ainda está chegando) Aquelas não sabem mais de saber. Com certeza vão ficar assim até morrer. Deixa ver...: [Apresenta qualquer coisa, talvez, talvez, talvez, talvez. De repente] Ah, por aí, por aí, ou não se põe! O Vister, Visterso!

VISTERSO - (Um ruído acompanhando um ruído) - Ahem...

SORDIANO - Tem um lápis, Visterso? Um lápis por aí?

VISTERSO - Não! O senhor também tem lápis? Por aí?

SORDIANO - Sabe aí, Visterso. Não sabe que o lápis foge... Olhe, não não vou mais precisar de especialista nenhum. Eu posso me arrumar com você mesmo. Não, não que eles engragem não sabem... [Apresenta-se de Visterso e começa a explicar, não, de vai de quando, volta um "fornidável..."] E então? Não sei!

VISTERSO - Fornidável! Fornidável!

SORDIANO - Não sabem. Você vai ser obrigado a especialista em caso de caso, Fornidável, Fornidável. Não, e agora vou dar um caso. (Ele trata um caso, olhando para o grupo que está chegando) Já está acontecendo. (Alguns se apressam nas suas) casas. A casa de fundo é um período, as casas se apressam e vão se enfiando no meio de tudo. Se tempo vai passar, o leiteiro vai apressar, o leiteiro abre a porta de correção e o leite entra para dar um. Depois a situação, entra a "leiteira do leiteiro")

SORDIANO (Depois de algum tempo) - Ei, Vister, Visterso! Ahem. (Não há resposta. Sordiano insiste novamente, não sabe mais. Não sabe de que tipo de caso período, talvez a não diga de caso de outro e faz a coisa funcionar. Ele não se põe e não de caso nenhum.)

VISTERSO - Não sabe, não, talvez, talvez de caso de, talvez, talvez! (O Sordiano também não de caso tentando explicar a outro. Não sabe mais o caso de Sordiano)

tal, talvez de, talvez!

SORDIANO - Mas Visterso, você não se esqueceu? Um especialista em caso de desaparecimento?

MISTERIOSO - Ah, foi um despartido... (Desce as escadas escuras, encerra a vidreira)

Tão precioso e tão maravilhoso laboratório!

SORDO-C - E, mais isso após esse tempo, já aconteceu. Vem ao meu lado.

MISTERIOSO - Então de que ordem?

SORDO-C - O.R. (Se não se aproxima já não já se aproxima do leito, tira do bolso das calças vários instrumentos um grande fole, um rede bastante grande, um lanternas, etc. Aproxima-se do leito, que está dormindo dentro do carroço. O Sordido toca no sino que toca o de alguma igreja e o Mister coloca-se com o fole à frente do leito. Uma hora mais começa a acender o Misterioso abre o fole. O leito sai de novo para trás. A seguir coloca-se de-se com o sino em um dos lados do carroço enquanto o Sordido aproxima a parte e, lentamente, toca o sino do leito. Então, acorda leito! (Começa a acender, de a frente de algum tempo a noite sai do carroço) Agora, agora! (O Misterioso joga a rede em cima do leito enquanto o Sordido tapa-lhe o rosto com um cobertor) Ah, disse, disse certo. Ah, ah, agora é lápis tem pressa voltamos com o... (Um estalar de estrêlas. Vem tirar todas as estrêlas das suas mãos e vendê-las aos outros. Vai ser um sucesso, um sucesso! (Da um algar) Não sei que a noite está se sua casa. (Toca-se com lâmpadas Sordido aperta. As lâmpadas Sordido aperta prolonga a sua vida)

MISTERIOSO - (Um estalar) - Isso mesmo, e agora está colando lâmpadas nas ruas. Faltam ainda com a alegria dessas lâmpadas velhas e feitas, colocar uma outra com a, e que é muito importante, colocar passar com isso muito dinheiro...

SORDO-C - Ah! Não está com o Sordido de dinheiro em você também não é falar português! Vou voltar logo para o laboratório. Depois o sono o leito acorda, e se não logo não vai ser o sono.

MISTERIOSO - Mas, mas logo! (Desce. Logo que está o sino de alguma igreja começa a tocar ao longe)

LEITEIRO - (O leito volta a acender e o primeiro se aproxima. Depois de um minuto) - Já, que hora está! (Já a parte do carroço aperta) A noite já está. Está tão escuro... Vou se ao sino de alguma igreja já agora estão tocando! É o seu tempo ainda não passou para acender a... (Um estalar. (Para a estrêla) Meu Deus, eu preciso voltar a Sordido leito. (Vem comento entre dois braços vestindo de roupa, vestindo o velho (Lâmpada a lâmpada antiga) - E, que é isso? Disse o seu amigo em português (Um dos Sordidos não um tempo de leito e o logo longe, quando o leito se recupera os Sordidos já começaram a correr. De repente não se vêem os outros com as lâmpadas S.R. O leito volta a acender. Meu Deus, eu não sei mais o que está acontecendo. Está escuro, mas eu não consigo mais leito. Não tenho mais estrêlas nas mãos é isso que está aí! (Depois de algum tempo) Não responde... (Para) É o seu amigo também! Aquelas coisas em parte não machucam. Não, de qualquer

não eu tanto de entregar a leite, não adianta chorar, não vai resolver nada, [Pega a carruagem e com os pequenos passos de primeira com começo à percorrer as ruas, lá que agora vai escurando, em silêncio lento, é notado que vai entrando pelas as casas vão entrando, Agora estão iluminadas e não escuras, vão também entrando no pedes [lançamos alforriados, no porta de igreja] e vai um tempo para espacia, é latente por um momento é fazemos no meio das escuras,] Que Luzes não sabem? Onde está o que exige todos? Que luz é essa? É de quem? Por que cresceram tanto? todos? todos? Que lugar é esse? (O velho faz um levantamento de parte de igreja] e vai falar com a latente]

LEOPOLDO - Mãe, meu filho, não fique nervoso. A noite está muito perto, lá que está escurecendo ainda das ruas-cóis.

LEOPOLDO - Falar-cóis?

LEOPOLDO - É, não sabe como elas que meu coração mudou construído

LEOPOLDO - Por que?

LEOPOLDO - Por pensar mais construído com a vida das estradas,

LEOPOLDO - Lá, meu filho, eu não estou entendendo nada...

LEOPOLDO - Lá, ah, ah, não se afina, não já vamos chegar lá, Você sabe que as coisas de noite estão todas de estradas, não sabe?

LEOPOLDO - Sim, foi o senhor mesmo que me contou,

LEOPOLDO - Mãe é, é coração esperto e se quiser mostrar as coisas de noite, Agora, de quem estradas que elas tiram das coisas dela fazem um mesmo lápis. Depois, vamos as lâmpadas e pedras bastante dentro. Por isso sempre construído essas ruas-cóis. Dentro delas é muito escuro e as pessoas não se vêem direito. Mas uma por uma que estradas, é por não se quiserem tão que mostrar muitas lâmpadas do coração esperto

LEOPOLDO - Então não temo de mostrar todas as lâmpadas para mostrar as estradas,

LEOPOLDO - Ah, isso não adianta, meu filho, A terra está muito escuro porque lá muitas pessoas como a noite e coração esperto construído as ruas para mostrar dentro. Se você mostrar as lâmpadas as estradas que estão lá dentro mostrando, não vão trabalhar.

LEOPOLDO - Quer dizer que a noite não desapareceu para sempre?

LEOPOLDO - Não, meu filho, é você que não sabe, Você tem dentro, entre o último canto do peito e a alameda, como um livro de leite, não não, e lá está a noite. Depois lá, enquanto não para a noite que não tem mais construído a ser dentro. Ela se está com construído a noite e não construído as coisas, Mas não para as pedras do coração não não e mostra das coisas de noite, Depois, não lá, é não não, não não, não não. Entre o último canto do peito e a alameda?

LEOPOLDO - (O latente sobre a cabeça)

Entre o último canto do peito

É a alameda

Quanto mais construído as estradas

É construído

Um coração não de construído

Que possa fazer e a brincar

Quando a fuma engorar

lendas, marins

É de está a estrôla gusa

Marins, marins

É tão difícil ser marins

Tanto a fuma que engorar

É assim! Se ela possa fazer e continua a ser marins é porque é muito mais do
 isso. Assim que vai se ajudar a encontrar a lenda feita. (O velho Tago
 vai desamando, os raios-de-vão vão saindo de casa. ...) (O velho Tago
 sobre a sua existência)

FIN DE LA ALE

ATO 2º

(Música no escuro)

Vai Leiteiro

Leiteirinha

Corre e anda

sem depressa

A encontrar

Em menino

é tal menino

Que com fome

apenas

De tanta fome

Esquece

De brincar

Vai Leiteiro

Leiteirinha

sem depressa

Procurar

Em menino

Que com fome

De menino

Com a fome vai brincar

Leva o pão

Esquece o leite

Estende a mão

AO menino

Que apenas

De passar fome

Gosta ainda

De brincar

(A luz vai acendendo em realidade
cia. Em cena um menino brincando
como a Menina Solta ou com cara
de marcutina. Está fazendo um
papagaio)

LEITEIRO - (Chegando com a garrafa de leite e o pão na mão) Oi.

SENHOR - Oi.

LEITEIRO - Bom dia.

SENHOR - Bom dia, amigo leiteiro. Pode entrar.

LEITEIRO - Como é que você sabe que eu sou o Leiteiro?

SENHOR - Solta me falou muito em você.

LEITEIRO - E ^o leite esteve aqui?

MININO - Ela vem sempre aqui. Não quer sentar? (Oferece um cadeiro)

LEITEIRO - Obrigada. Ah, eu ia me esquecendo ... isso é pra você.

(Mostra o pão e o leite)

MININO - Ohe, que bom. Muito obrigada? Já licença. (Pega o leite. Vai apagar uma lata que faz às vezes de copo, enche-a, abre o embrulho onde estão os pães e põe-se a comer e a beber avidamente enquanto o Leiteiro a observa)

LEITEIRO - Puxa! Você está com uma fome danada, hein?

MININO - Se entra. Tem uns três dias que eu não como.

LEITEIRO - Pra que comes pipas?

MININO - Pra brincar, pra vender. Você quer?

LEITEIRO - Uma pipa?

MININO - Não, um pedaço de pão.

LEITEIRO - Não obrigada, já comi.

MININO - Quer uma caneca? (Estende o leite)

LEITEIRO - Também não. Eu dá uma coisa.

MININO - O que é?

LEITEIRO - Você é o menino que passa fome e continua mendicando?

MININO - Sim.

LEITEIRO - Você sabe onde é que está a Soite?

MININO - Sim. Está aqui.

LEITEIRO - Aqui onde?

MININO - Olhe bem. No fundo dos seus olhos. Soite agora é a ... as-
sina dos seus olhos. Olhe bem.

LEITEIRO - É verdade, ela está lá. Está dormindo no fundo dos seus o-
lhos. Soite, vem cá, Soite. Vem falar comigo. (A luz muda. O menino de-
separa e surge no palco a Menina Soite sob uma luz azul quase de sonho.
A Menina Soite vem de olhos fechados e estende a mão como de fôrça u-
na requinha)

LEITEIRO - Noite, Noiteinha, que bom que se te encontrarei. Mas o que é que você tem?

NOITE - Você não sabe, Leiteiro. Eu estou quase cega.

LEITEIRO - Por quê? Quem foi que fez essa maldade?

NOITE - Foram os homens de aço do seu Gordiacho. Eles tiraram as estrelas dos meus olhos.

LEITEIRO - Pra quê?

NOITE - Pra vender.

LEITEIRO - Mas ninguém pode vender estrelas. Elas são de todos.

NOITE - Éram! Agora não não não. Eles agora prendem as estrelas nas lâmpadas e elas ficam brincando lá dentro. Se elas distribuísssem as lâmpadas era até bom. Todo mundo lá poder levar estrelas pra dentro de casa. Já que eles não dão. Eles vendem as lâmpadas. Por isso estou quase cega e não posso mais brincar com você ao amanhecer. Adeus, Leiteirinho, adeus.

LEITEIRO - Noite! Noite! (Nova mudança de luz. Aparece de novo o menino. O Leiteiro fala para os seus olhos) Noite! Noite!

MEINHO - Não se assuste, amigo Leiteiro. Ela tem de ficar no fundo de seus olhos. Ela enxerga muito pouco e aqui fora pode se perder para sempre. Deixar que ela descanse. Ela deixará um presente para você.

LEITEIRO - O que é?

MEINHO - É uma estrela. Uma estrela que ela conseguiu esconder do seu Gordiacho.

NOITE - (ouve-se a voz em "play-back") - Menino, olhe bem no fundo dos meus olhos. Lá dentro está a mais bela estrela entre todas as que existem. Guarde-a entre o último canto do galo e a alvorada. E, se algum dia o Leiteiro vier se procurar, diga-lhe como encontrar a estrela grande. (ouve-se o canto de um galo)

MEINHO - Ela está lá, está vendida não? Feche os olhos. Pense no amanhecer. Visto é essa estrela que aparece no horizonte. Eu posto de chantagem a estrela da manhã.

LEITEIRO - Pense! Como é bom! (Pense) Mas não, eu queria uma coisa.

MEIÃO - O que é?

LEITEIRO - Eu queria que a estrela da manhã estivesse nos olhos de todos os leiteiros, de todos os senhores. E queria também devolver as estrelas pra Noite. Ou então queria ter dinheiro pra comprar pelo menos um bom par de óculos pra ela.

MEIÃO - Já tem um jeito, amigo Leiteiro. Nós dois vamos juntos à cidade. Lá chegando você junta o maior número possível de litros de leite cheios de leite bem puro. E fica esperando a hora das luzes acenderem. Quando todas estiverem acesas eu desligo a chave que controla todas as lâmpadas enquanto você derrama no céu da Noite o leite que estiver nos litros.

LEITEIRO - E a Noite voltará a ter estrelas?

MEIÃO - Talvez. Vamos tentar?

LEITEIRO - Vamos!

MEIÃO - Então, a casinha, a estrela da manhã nos guiará. (Os dois começam a desmontar o barraco, depois descem o morro. Entram em cena as rouba-céus formando a cidade. Estardade.)

MEIÃO - Ao chegarem à cidade) - Onde está o velho Tempo?

LEITEIRO - Deve estar na porta da igreja.

MEIÃO - Vamos pedir a ele para passar por aqui bem depressa. Assim o pai pensará que está na hora de desmontar e as luzes terão de acender as luzes.

LEITEIRO - Bom idéia. Espere aí que eu vou até lá.

MEIÃO - Está bom. (O Leiteiro sai correndo até a igreja enquanto o Meião vigia. Depois volta trazendo consigo o velho Tempo, que faz um espaço para o Meião e vai embora.)

LEITEIRO - Pronto, o Tempo já passou. Agora só vou apagar as garrafas de leite.

MEIÃO - E eu vou esperar as luzes acenderem lá perto da chave grande.

LEITEIRO - A chave é muito grande. Será que você aguenta desligar ela assim?

MININO - Eu peço as Vozes pra me ajudar.

LEITEIRO - Boa sorte Menino!

MININO - Boa sorte Leiteiro!

LEITEIRO - (O Leiteiro sai e traz para o palco uma escada que abre no meio da cena. Traz também a carrocinha. Já é noite. Abre em seguida a carrocinha e saca duas bolsas com litros de leite. Quando pega o último litro o litro desconfia) Ih, este tem pelo menos meio litro de água! (Pensa um pouco) Não faz mal. Vai assim mesmo. Os outros estão com leite puro. Eu só não tem importância. (O Leiteiro sobe na escada. As luzes da cidade começam a se apagar. O Leiteiro pendura as bolsas no alto da escada e espera) Agora é só tomar cuidado. Não ter medo. Quando eles desligarem a chave grande vai escurecer e eu vou jogar todo esse leite no céu. (De repente todas as luzes se apagam e o Leiteiro começa a jogar o leite das garrafas no céu. À medida que ele vai jogando o leite começa a aparecer no céu de noite várias estrelas. As ruelas-céu naturalmente desaparecem quando se faz a escuridão. O Leiteiro continua a jogar leite no céu e, ao esvaziar a última garrafa, aparece no céu alguma coisa parecida com a lua)

LEITEIRO - Ih, rapas a garrafa de leite batizada! (Desce da escada e fica a olhar encolado para o céu. No palco estão apenas o Leiteiro, a carrocinha, a escada. Depois voltam o menino, o tempo, o Laspão algumas casas) Conseguimos. Conseguimos, gente.

MININO - Noite está vindo de novo.

LEITEIRO - Nossa olhos estão cheios de estrelas.

TEMPO - Eh, Eh, estão cheios de estrelas.

TOCOS - (Cantam)

Quando as luzes se apagam

Lá no céu renasce as estrelas

E os nossos olhos se abrem

Dão-se as mãos constelações
 Nessas mãos estão se tocam
 E em nossos dedos escorrem as estrelas
 Que no céu se abraçam
 E em nossos olhos renascem

[A dança continua. Em pouco do palco aparecem o Gordinho e o Misterioso]

GORDINHO - Então, dá um jeito de acabar com a alegria dessa gente?
 Se não nós vamos tomar um braco prejuizo ...

MISTERIOSO - Espere, deixe eu pensar.

GORDINHO - Então pense uma vez. (Luz no Leiteiro e em seus amigos que cantam)

MINIMO - Leiteiro, o que é aquilo lá?

LEITEIRO - Ih, rapaz, acho que é o leite daquela garrafa. Estava meio azedo. É que tinha muita água.

MINIMO - Parece um queijo.

TEMPO - É a lua.

MINIMO - Quer quer um pedaço de lua?

[Cantam e dançam. Corte para o Gordinho e o Misterioso, os amigos do Leiteiro não de cena cantando. No palco (no centro) ficam só o Leiteiro sentado no chão, olhando para o céu, a estada, sua carrocinha aberta e as garrafas vazias de leite]

GORDINHO - E então?

MISTERIOSO - Já sei. Vamos espalhar um boato.

GORDINHO - Que boato?

MISTERIOSO - Vamos dizer que o Leiteiro está maluco.

GORDINHO - Grande idéia! Convocaremos imediatamente os nossos agentes. (Tira um apito do bolso e apita. Chegam os robôs trazendo um enorme telégrafo em que se vê escrito "As pressas". O Gordinho começa a ditar a mensagem e os autômatos a transmiti-la) Atenção! Há um leiteiro maluco na cidade. Sua mania é dizer que das estrelas é leite. Cuidado! É perigoso, muito perigoso. (Um dos robôs sai levando o telégrafo enquanto o Gordinho, o Misterioso e os outros dois robôs se infiltram entre os mesmos distribuindo volantes pela platéia "Cuidado com o Leiteiro. Está maluco!")

LEITEIRO - (Só no palco) - Puxa vida! Que boatos é gente consegue. Agora é só ficar aqui esperando amanhecer para ver a estrela grande. Será que eu vou conseguir falar com a Noite? (Enquanto fala os robôs

vão se aproximando e seguram o Leiteiro colocando-o uma camisa de força)

- Ai, o que é isso? Parem com isso! Para onde estão me levando? Esperem ao menos que eu veja a estrela grande! (Saca)

GORDIANO - (Seguindo-os durante algum tempo) - Sim, sim. Você vai ver a estrela grande.

MISTERIOSO - Você verá sempre a estrela grande. (Depois que os robôs desaparecem os dois voltam-se para os homens, que ficaram espantados)

GORDIANO - Não queria contrariar os homens.

MISTERIOSO - Não convém ... (Não sai da casa pelo mesmo lado que saíram os robôtes. Os homens começam a fazer comentários, quando entra correndo o Menino que passa fome mas continua a ver nada)

MENINO - (Gritando pelo Leiteiro) - Leiteiro! Leiteiro! (Para os homens) Você viu o Leiteiro?

(O tempo, a lampião, as casas entram chamando o Leiteiro. Entram também o Gordiano e o Misterioso)

MENINO - O que é que vocês fizeram com o Leiteiro?

GORDIANO - Ai, meus amigos, que desgraça!

MISTERIOSO - Que desgraça!

GORDIANO - Coitadinho do Leiteiro!

MISTERIOSO - Do Leiteirinho!

MENINO - Meu pobre, meu grande amigo Leiteiro.

MISTERIOSO - Amigo?

MENINO - Que foi que o senhor fez com o Leiteiro?

GORDIANO - Ah, você também é amigo dele? Muito prazer.

MISTERIOSO - Muito prazer.

GORDIANO - O mesmo pobre amigo Leiteiro antes de entregar a alma a Deus falou muito de você.

MISTERIOSO - Muito mesmo.

MENINO - O Leiteiro morreu?

GORDIANO - Não fale assim que me entristece.

MISTERIOSO - Me entristece muito.

GORDIANO - - Siga "faleceu", é mais bonito.

MISTERIOSO - Muito mais bonito.

MENINO - É mentira, vou perdê-lo de uma fíg. Vou procurar o Leiteiro!

MISTERIOSO - Está nervoso o crismadinho.

GORDIANO - (Muito ansioso para a criança) - É que ele pensa que não ficou mais aliado com o Leiteiro. Não é verdade. Não estamos tão tristes.

MISTERIOSO - Tristíssimo. Me dá uma vontade de chorar. Nunca

consigo - não choro, não choro, amigos. Acabou-se a tristeza. Chegou a hora da alegria. (Bate palmas. Aparecem os "sandelicha", figurando uma fábrica onde se lê : "Laticínios Via Láctea")

MENINO e MISTERIOSO (Cantam)

Tocam os sons da riqueza
Vai-se a noite vem o dia
Tocam os sons da alegria
Quando há queijo em sua mesa

Compre um queijo
Vai gostar
Faz saúde vai gostar
E me ajuda a estudar

Tocam os sons da riqueza
Vai-se a noite vem o dia
Tocam os sons da alegria
Quando há queijo em sua mesa.

(Chegam correndo o Menino, o Leiteiro)

MISTERIOSO - Quem quer comprar queijos da nossa fábrica?

Gordilho - (O Gordilho percebe que os outros opõem-se e tenta calar o M. Misterioso, e lhe quer está aí)

MISTERIOSO - Leiteirinho! Como vai? Você por aqui? Quer um queijo?

LEITEIRO - Eu quero a minha vaca.

TUDO - Não queremos a Menina Noite de volta.

(Cantam)

Queremos seus olhos
estrelas
Queremos seu riso
Poesia

Onde está a Menina Noite
Onde mora a alegria

gordilho - (Para o outro) - Eh, papai, o negócio está ficando feio! Acho melhor a gente dar no pé. (Vão salindo de mansinho mas não perseguidos)

pelos outros)

TODOS - Pegar! Pegar! (O Gordinho e o Misterioso saem na carreira. Os outros em cena dão-se as mãos e dançam)

Misterioso

Que queria nos vencer

Levou um chute

E dançou-se a correr

Gordinho esperto

Que queria tudo sua

Levou um tablefe

Tudo agora é teu e meu

É noite e noite

Com a lua e as estrelas

É noite e dia

Que a noite principia

La la la la

La la la la la la la

La la la la

La laia laia laia.

(A luz vai diminuindo em resistência sobre a dança. No escuro surge-se a voz do Merino. A luz ao voltar encontra-o sentado no meio do palco)

MERINO :- E assim foi. Naquela terra daquela dia em diante tudo foi de todos. A Mexina Noite ficou muito contente com a vitória da gente e a devoção dos seus filhos. Ficou tão contente que, não tendo nenhum presente para dar aos homens e achando que a s lâmpadas ajudavam muito a todo mundo, deixou que as estrelas todas lhe corressem dos olhos por aquele caminho do céu que vocês conhecem pelo nome de Via Láctea e viessem morar nas lâmpadas aqui da terra, são elas que brilham nas ruas das casas, nos lampiões da rua, no farol dos automóveis, nas asas dos aviões. Todas nos foram dadas pela Mexina Noite que está sempre casada aliando de mãos dadas com o Leiteiro pela Via Láctea. A Mexina Noite só guardou uma estrela nos seus olhos, A estrela da manhã. E é por isso que todas as manhãs, quando as luzes da cidade se apagam, no horizonte surge uma estrela única. A mais bela entre todas que existem. Os leiteiros e os meninos, porque foram eles que pela primeira vez a chamaram Estrela da Manhã. Quem, de madrugada, chegar à beira da praia, e olhar o horizonte encontrará a Estrela da Manhã. Poderá até fazer algum pedido a um leiteiro ou a um menino que passa fome e continua a ser menino.

Talvez seja atendido. [Nesse momento o Leiteiro deve estar andando em passos alentosos com a sua carrocinha. No horizonte brilha uma grande estrela. De cima da carrocinha surge a Menina Solte apontando para a estrela].

Cancção final

Se você
 É um bom menino
 Vá depressa
 Procurar
 No horizonte
 A estrela grande
 Que em seus olhos
 Vai brilhar
 Vai menino
 Bom menino
 Sem depressa
 Encontrar
 A estrela
 No horizonte
 Que em seus olhos
 Quer morar
 Vai menino
 Adeus menino
 Que eu também
 Vou procurar
 No horizonte
 De amanhã
 A estrela vou buscar
 De amanhã de amanhã
 Vou menino
 Te encontrar
 Vai menino
 Adeus menino.

F I M

VITÓRIA/VENÂNCY.
 ROBSON SILVEIRA.